

A primazia do texto na música litúrgica

Penha Carpanedo, pddm

No momento atual de nossas comunidades, sentimos grande fragilidade com relação à música que se canta em muitas celebrações, sobretudo nos grandes eventos e na mídia: letras que pouco expressam o sentido teológico do mistério da fé celebrado na liturgia, apresentando sensível distância das fontes bíblicas e litúrgicas. Nota-se, muitas vezes, total desconhecimento e até descaso, com respeito ao repertório proposto pela CNBB como fruto de todo trabalho feito nos últimos 50 anos decorrentes da reforma do Concílio Vaticano II.

Na cultura popular não se canta músicas fúnebres em festa de São João, nem cantos de saudar a lua quando o sol nasce. Letra e música se unem para expressarem sentimentos e conteúdos específicos de acordo com os diferentes momentos da experiência humana e seus significados. No âmbito das religiões, em geral, a música está intimamente ligada ao rito, corresponde ao sentido expresso na ação ritual de acordo com a fé do grupo em questão.

Este dado antropológico já daria boas razões para justificar a seriedade com que a Igreja construiu ao longo dos séculos, seu repertório litúrgico-musical. Mas, a Igreja se apoiou, sobretudo, na tradição judaica que considera a música como importante expressão de fé. Basta ler atentamente os salmos, poemas, quase sempre cantados, que expressam a crença do povo de Israel no Deus da aliança e do Êxodo. Na escola dos salmos, a Igreja adotou o canto a serviço da Palavra em função do memorial da páscoa de Jesus.

Na liturgia cristã o canto obedece a uma finalidade específica de celebrar os mistérios da fé, com gestos e palavras: a Palavra de Deus realizada na assembleia litúrgica e as palavras que acompanham e explicitam o sentido das ações rituais. Tais palavras resplandecem

generosamente, especialmente no canto, seja o canto dos salmos e cânticos do AT e NT, seja o canto dos textos da própria liturgia (partes fixas), ou os cantos que acompanham os diversos ritos (canto de abertura, comunhão, rito das aspersão).

A música ritual não pode ser produzida por si mesma, com fim estético, e muito menos com critérios subjetivos. A primazia do texto, requer cuidados exigidos pela própria função que a música cumpre na celebração da fé. "Como todo sinal e todo símbolo, ela 'reenvia' a outra coisa que não ela mesma. Ela é uma abertura sobre o campo indefinido das significações e da livre resposta que ela pode suscitar. (...)"¹. Não basta qualidade poética, é decisivo que tal qualidade seja alusiva ao mistério celebrado. Que sendo orante em sua forma, leve a pessoa ao encontro com o Deus de Jesus Cristo nas assembleia dos crentes. Só assim haverá razões para "acompanhar com a mente" o que se canta para "cooperar com a graça", conforme sugere *Sacrosanctum Concilium* C 11.

Perguntas para meditar:

Você já parou alguma vez, para meditar textos das músicas que se canta em sua comunidade?

Considera o repertório usado pela comunidade de boa qualidade do ponto de vista da letra?

¹ *Universas Laus I*, in: FONSECA, Joaquim. Quem canta? O que cantar. São Paulo: Paulus, 2008, p. 85.